

Polícia bate em camelôs na Ceilândia

Lucifran e seu pai apanharam de policiais militares durante ação para remover os ambulantes que trabalham na CNN 2

Rogério Dy La Fuente

Da equipe do Correio

O camelô Lucifran Nogueira Lacerda, 22 anos, e o pai dele, o relojoeiro João Lacerda, 50 anos, foram vítimas da truculência da Polícia Militar no centro da Ceilândia, onde existe um camelódromo ao lado da Feira Permanente.

A cena de violência ocorreu ontem às 10h. "O menino se assustou com a chegada dos fiscais, fechou a banca e saiu correndo. Dois PMs o alcançaram e começaram a bater. Como se não bastasse, chegaram mais dois e um deles sacou a pistola para o garoto, que nem reagiu", contou Ernando Soares de Lima, comerciante na CNN 2, que viu tudo acontecer.

Lucifran confirmou a versão. "Eu só não queria que eles me tomassem a mercadoria. Meu pai correu para me defender e acabou apanhando também", contou o ambulante, que sempre monta sua banca diante do balcão de relojoeiro do pai.

TROGLODITA

"A polícia não pode tratar o cidadão assim. O rapaz nem reagiu. Imagine se a arma dispara acidentalmente, como é que ia se explicar isso?",

pergunta Ernando de Lima.

"Os policiais tiraram o nome do peito na hora que vieram me bater, mas eu sei quem eles são", afirma Lucifran. "Foram uns trogloditas, me trataram que nem bandido. E a única coisa errada que eu fiz foi correr", avalia o camelô, que está com o dedo indicador de uma das mãos sem movimento e suspeita de ter tido o braço quebrado pelos policiais.

Lucifran e o pai foram ao IML, mas não foram examinados porque deixaram de levar a ocorrência policial. "Nem apanhei a ocorrência na delegacia. O delegado queria prender o meu pai também, só porque ele tentou me soltar dos policiais. Disse que ele tinha desacatado a autoridade", contou Lucifran, que foi levado para a 15ª DP (Ceilândia) mas não ficou detido.

Não há registro da ocorrência do espancamento de Lucifran Lacerda e seu pai na 15ª DP. Jorge Aguiar, delegado de plantão na manhã de ontem, confirma o confronto entre policiais e os camelôs, mas diz que ninguém se machucou. Ele conta que um advogado dos ambulantes, chamado Edmilson, conseguiu um acordo entre os PMs e os vendedores na delegacia.